



Desenho inédito de Francisco Valença, alusivo à tomada do forte de Monsanto, ocupado pelos sediciosos monárquicos em Janeiro de 1919

## J A I M E C O R T E S A O

Jaime Cortesão faleceu no ano em que se celebra o cinquentenário do Regime Republicano em Portugal, pouco antes da data representativa da comemoração.

Durante cinquenta anos Jaime Cortesão viveu a República e viveu pela República. A sua biografia molda-se pelo regime de que perfilhou as aspirações mais nobres e que serviu nas mais amargas horas.

«Seara Nova» associa-se às homenagens prestadas à sua memória.

**E**M 1919, constituiu-se o grupo «Seara Nova», realizando-se muitas sessões no *atelier* do distinto e culto pintor Conceição e Silva, cunhado de Ferreira de Macedo, na rua da Escola Politécnica, em frente ao Palácio Palmela. Dois anos depois, publicou-se o primeiro número da Revista, em 15 de Outubro de 1921. No intervalo desses dois anos, publicaram-se a «Bucólica» de Vieira de Almeida e «Adão e Eva» de Jaime Cortesão.

Os dez fundadores e primeiros directores da Revista foram: Aquilino Ribeiro, Augusto Casimiro, Faria de Vasconcelos, Ferreira de Macedo, Francisco António Correia, Jaime Cortesão, José de Azeredo Perdigão, Luís da Câmara Reys, Raúl Brandão e Raúl Proença. A idade de sete dos primeiros directores oscilava entre os 33 e os 43 anos. Augusto Casimiro e Jaime Cortesão vinham condecorados da Grande Guerra. Aquilino Ribeiro publicara os seus primeiros quatro livros e acabara de criar o imorredouro Malhadinhas. Faria de Vasconcelos trazia da Bélgica o volume sobre a sua escola de Bierges-les-Wavre, em que Ferrière e Claparède reconheciam quase cem por cento duma realização perfeita das Escolas Novas, tipo Bedales e École des Roches. Essa sua obra, concebida e executada com imensa ternura, fora destruída seis anos antes pelos alemães e Faria de Vasconcelos, depois duma estadia na Bolívia, viera acolher-se ao seu país. Ferreira de Macedo, com 33 anos, já fundara a admirável Universidade Popular Portuguesa, onde realizáramos, por sua sugestão e a seu convite, dezenas de conferências sobre as «Questões Morais e Sociais na Literatura», e foi sobretudo essa recente colaboração que nos juntava agora na *Seara Nova*. Se bem me recordo, Francisco António Correia ingressou na *Seara* por intermédio de meu pai, que o conhecia e muito estimava de trabalhos em comum, em comissões

económicas e aduaneiras. Raúl Brandão era como uma divindade familiar e tutelar; apresentava-nos, de vez em quando, para a solução dos problemas sociais, umas sugestões poéticas, de que sorriamos com respeito e de que ele desistia facilmente, com modesta bonomia e desprendimento.

O benjamim do grupo, trazido por Aquilino do berço comum de Viseu, era Azeredo Perdigão, que acabava de se formar, tinha cerca

como representantes dos novos, mas tal sugestão nunca se efectivou.

O 1.º número saiu em 15 de Outubro de 1921. Teve uma tiragem de 8 mil exemplares e uma repercussão enorme na vida política e intelectual do tempo. Pretendia, como programa fundamental, que todos os cidadãos participassem livremente na governação pública. Não bastava uma simples substituição das institui-

Francisco António Correia, do ministério que se constituía sob a presidência de Manuel Maria Coelho, oferecendo-nos todas as pastas cuja gerência quiséssemos assumir. Não só não aceitámos, porque isso seria negar o ponto de partida da *Seara* (a lenta e doutrinada formação duma opinião pública) como pedimos, com tristeza e constrangimento, a Francisco António Correia, que se considerasse desligado da *Seara*, por

## PASSADO E PRESENÇA DA "SEARA NOVA"

de 25 anos, era filho duma das mais simpáticas figuras desse tempo, que todos conhecíamos do Chiado, o Dr. José Perdigão. No seu escritório da rua de S. Nicolau, de onde ia surgir, dentro de vinte anos, uma das mais rápidas e prodigiosas carreiras de causídico, realizaram-se algumas sessões e de sua mão saíram os estatutos da «Seara Nova». O capital estatutário era de 200 contos, com uma 1.ª emissão de 50. Desses 50 realizaram-se imediatamente... 15. Quando há dois anos Azeredo Perdigão me mostrou as instalações provisórias da Fundação Gulbenkian, me falou do seu vasto programa cultural, e remontámos, saudosamente, à fundação da *Seara*, disse-lhe, a rir, que ela tem sido sempre uma espécie de fundação Gulbenkian... sem dinheiro.

Mas, para nós todos, o grande esteio moral, crítico e doutrinário, era, ia ser Raúl Proença.

Sérgio chegou um ano depois, do Brasil, e foi logo integrado no grupo. Em 1923, Mário de Azevedo Gomes. Um pouco mais tarde, Sarmiento Pimentel e Sarmiento de Beires. Falou-se, a certa altura, em incluir na direcção Mário de Castro e Rodrigues Miguéis,

ções monárquicas. Pela liberdade efectiva dos cidadãos; pela sua igualdade cultural e económica; pela moralização das normas da vida social e política; pela intervenção cada vez mais eficaz das classes trabalhadoras, que tanto tinham intervindo, onze anos antes, na proclamação do regime — deveríamos procurar conseguir que ele fosse o que até então ainda não tinha sido, isto é, uma verdadeira realização da Democracia, reformando a mentalidade, organizando, sob uma doutrina, as forças democráticas, por uma crítica construtiva e renovadora.

No 1.º número, Raúl Proença, com a aprovação unânime dos seus nove companheiros, traçava este programa, ainda hoje em marcha e de plena acção e eficiência:

«S. N. pretende renovar a mentalidade da *élite* portuguesa, tornando-a capaz dum verdadeiro movimento de salvação;

«S. N. pretende criar uma opinião pública nacional que exija e apoie as reformas necessárias.»

Quatro dias depois da publicação do 1.º número da *Seara*, deu-se o terrível 19 de Outubro. Fomos procurados por Veiga Simões e

### CÂMARA REYS

ter aceiteado uma pasta nesse ministério, de resto bem efémero.

Quando, dois anos depois, demos três ministros ao gabinete de Álvaro de Castro, já se justificava uma interferência na governação pública, porque o germe da nossa obra já operara largamente, supúnhamos, na opinião pública nacional.

Cremos que a *Seara Nova* muito fez, na realização do seu programa, então e para o futuro, nos primeiros cinco anos de existência, e ainda depois, muito mais limitadamente. Combatendo o Integralismo Lusitano, vivendo sob uma firme orientação racionalista, trazendo ao primeiro plano os problemas da cultura do povo numa acção conjunta com as extintas Universidade Popular Portuguesa e Universidade Livre, criou a nossa Revista uma ininterrupta tradição «seareira».

Propusemo-nos, há quase três anos, perseverar na inteireza da campanha e nela progredir, formando uma vanguarda democrática, tentando orientar um vasto sector de opinião pública; desenvolver um amplo inquérito aos problemas actuais da grei portu-

guesa e às soluções democráticas e socialistas ajustadas àqueles problemas:

«Funções urgentes de doutrina e crítica, com o mesmo espírito racionalista e a mesma fidelidade de sempre ao livre criticismo».

*Seara Nova*, dissemos há quase três anos, no próprio nome comporta a ideia de permanente renovação, sentindo connosco as forças transformadoras dum Portugal politicamente jovem e olhando, apesar de tudo, com optimismo, o futuro. Com sincera modéstia temos a consciência de que pouco fizemos ainda, mas sentimo-nos confortados com um ambiente de viva simpatia. Cinquenta anos de República, quase quarenta de *Seara*!... Confraternizemos, num momento de comovida meditação, com os leitores da *Seara*, amigos próximos e ausentes, que de perto ou de longe nos acompanham e auxiliam, e connosco colaboram, num esforço homogéneo e firme, na consciência de quem sabe o que quer e para onde vai.

Seja-nos permitida, agora, uma pequena divagação sentimental, afectiva. Este grupo de rapazes que nos cercam há uns três ou quatro anos, é bem semelhante aos que apareceram, há 39 anos, primeiro na Rua António Maria Cardoso, na Agência Latino-Americana, em que éramos hóspedes da Virgínia Quaresma (lembra-mo-nos, com uma nitidez muito viva, da ida lá de Mário de Castro, nos seus 18 anos) e depois, na Praça Camões, na Universidade Livre, a convite do querido e saudoso Alexandre Ferreira (onde nos apareceram, entre outros, Lopes Raimundo e Rodrigues Miguelis, que fora nosso aluno no Gil Vicente. E quantos mais!).

Era como a atracção dum segundo lar. Além de antigos discípulos, desconhecidos procurando-nos com curiosidade e um vago temor. A pobreza da instalação, a simplicidade afável do acolhimento, restituíam a tranquilidade aos

tímidos, quebravam a ironia dos mais ousados. Traziam as suas dúvidas, as suas interrogações, e nós não procurávamos resolver-lhas com certezas arrogantes — limitávamo-nos a juntar as nossas perplexidades. Não eram recebidos com motejos ou sobrançaria. Havia um escrupuloso respeito da sua inexperiência ingénua, da candura dos seus sentimentos, da inteireza juvenil do seu carácter. Muitos hesitaram, anos seguidos, em entregar a primeira colaboração. Miguelis trouxe-nos, um dia, o seu cândido «Milagre de Joane». Outros encimavam os escritos com o viático duma citação de Proença ou de Sérgio.

Alguns nunca nos abandonaram. Outros, impacientes, partiam. Ia lá por fora, no mundo, um rumor formidável de refrega. Esse desprendimento não nos magoava. Era a crise da emancipação, que vinha de longe — maiores ausências, uma ou outra ironia que nos desfechavam das tribunas de alguma revista efémera: «Clercs» que atraioávamos a nossa tarefa que deveria ser puramente espiritual; incuráveis burgueses; retardamento de quem ficava muito para trás, na marcha apressada do mundo... Uns não voltaram; outros regressavam sem que se tivessem despedido. A *Seara* é, há quase quarenta anos, uma pequena luz inapagável.

No entanto, e como é natural, a melancolia, neste alongado percurso, é mais densa e mais funda. Os que a morte levou, os ausentes, os que partiram batendo com a porta. Repetimos hoje, como há vinte, como há quinze anos, no n.º 500, no n.º 1000 — nunca nos arrependemos de ter procurado dar à nossa vida uma superação dos interesses e ambições vulgares. Muitas horas de angústia e desalento; muitas também de consoladoras alegrias.

O que congregou e congrega e une ainda hoje os «seareiros»? «O desejo do bem comum, o culto

da liberdade, o amor da pátria conjugado a um espírito de pacifismo universal, a moral aceite e praticada, a aspiração da justiça social, duma ampla igualdade económica, o combate simultâneo à plutocracia e à demagogia, a educação laica, generalizada e assegurada ao povo, a fidelidade à república e à democracia, o horror ao conformismo, ao fascismo, à violência» — poderá ser como que um brevíário do «seareiro».

Uma vez, estando com o Visconde de Lagoa, alguém lhe pediu para sermos apresentados. Disse-me aproximadamente isto:

«Constituí o meu lar, tenho já alguns filhos. Sou funcionário superior e renunciei a qualquer acção política. Formei-me em Direito, mas sobretudo formei-me na *Seara Nova*. Em casa, isolo-me no meu gabinete de trabalho. Nas estantes, tenho a colecção da *Seara* e as suas edições.»

Não lhe fixe o nome. Se o encontrar, não o reconhecerei. Não é para mim uma pessoa, é um símbolo. Coisa estranha: a recordação desse homem, que muitas vezes evoco, dá-me um misto de reconforto e de tristeza.

Outubro de 1960.

CÂMARA REYS

NA LIVRARIA  
PORTUGAL

ENCONTRA V. EX.<sup>A</sup> TODAS  
AS SECÇÕES DE UMA GRANDE  
E BOA LIVRARIA

\*

LIVRARIA PORTUGAL

RUA DO CARMO, 70

Telefs.: P. P. C. 3 05 82 - 2 82 20

LISBOA - 2